

PUPO, Benedito Barbosa. A lição de eminente filólogo. Correio Popular, Campinas, 21 dez. 1973.

# A lição de eminente filólogo

Benedito BARBOSA PUPO

No modo de pensar de alguns intelectuais de Campinas, há duas academias de letras — Academia Brasileira de Letras e a Academia Mineira de Letras — que têm seu nome errado. Para eles, deveriam ser "Brasiliense" e "Mineirense", porque a terminação "eira", indicando profissão e sendo popular em contraposição com a erudita "ense", é incompatível com a dignidade acadêmica. Uma das academias de Campinas, homônima de sua congênera da cidade de Campina Grande, do Estado da Paraíba — a Academia Campinense de Letras — repudia o gentílico "campineiro", razão por que adotou o vocábulo "campinense" para formar o seu nome. Esqueceram os seus fundadores de que os gentílicos "brasileiro", "mineiro" e "campineiro" estão definitivamente consagrados para designar os nascidos no Brasil, em Minas Gerais ou em Campinas, respectivamente. Se o uso de uma palavra não fosse lei em linguística, se as palavras "Brasileira" e "Mineira" não fossem certas, os imortais da Casa de Machado de Assis e os da Academia Mineira de Letras não as teriam adotado e as conservado. O Parecer da Academia Brasileira de Letras, por mim citado no artigo de 7 de dezembro sobre o gentílico de Brasília, reitera a opinião dos acadêmicos sobre os sufixos "ense" e "eiro". Preconizando o "brasiliense", a Academia excluiu, em definitivo, a hipótese de que se deva designar os nascidos no Brasil por "brasilienses" pois "brasilienses" são os naturais de Brasília.

Quando há meses publiquei o meu livreto "A Margem da História de Campinas", fiz ao citar um acadêmico da "Campinense", uma advertência sobre o movimento tentado em Campinas para forçar o uso do gentílico defendido por essa academia em substituição ao consagrado "campineiro". A fim de oferecer subsídios à nossa Câmara Municipal, no caso desta ter de pronunciar-se a respeito, realizei uma série de pesquisas bibliográficas e de consultas a filólogos e a entidades culturais do País. Entre os filólogos, estava o Prof. Silvio Elia, do Rio de Janeiro, que é, sem dúvida, uma das notabilidades da Filologia Portuguesa. Sua resposta tardou um pouco, pois o eminente filólogo esteve absorvido por dois congressos, um de camonistas e outro de Filologia Portuguesa. Sua carta é uma aula, magnífica aula cheia de ensinamentos. Uma das características de meu espírito é não guardar para mim os bons presentes que recebo. Reparto-os sempre com os outros. A aula do Prof. Silvio Elia

é um desses régios presentes, que partilho com os leitores do CORREIO POPULAR, para que eles como eu se beneficiem com os ensinamentos do grande filólogo brasileiro. Em minha carta ao Prof. Silvio, relatei a situação criada em Campinas, com a atitude dos intelectuais que querem substituir, segundo se propala, o termo "campineiro" até nos documentos oficiais pelo seu, em outros tempos, sinônimo "campinense".

Nela fiz, ao prof. Silvio este relato: "Estou plenamente de acordo com os argumentos de que lançam mão, quanto à anomalia gramatical, que anotei no rodapé de meu trabalho "A Margem da História de Campinas", nas páginas 8 e 9 deste. Deveria ser "campinense", mas o fato é que "campineiro" já está consagrado para a gente daqui e o outro para a de Campina Grande. Não vejo, pois, razões para a campanha da Academia Campinense de Letras em querer forçar o curso de "campinense", porque "campineiro" designaria profissão. Neste caso, a Academia Brasileira de Letras e a sua congênera mineira, deveriam repudiar os termos "Brasileira" e "Mineira". Embora os dicionários feitos em Portugal consignem campineiro e campinense como sinônimos para designar os meus conterrâneos, o de Buarque de Holanda estabelece a diferença, endossando naturalmente a consagração popular. Gostaria, pois, de ouvi-lo, Agradecer-lhe-ei se honrar-me como sua opinião. No caso de sua aquiescência em responder-me, perguntaria: Há razões para a Academia insistir no seu propósito? Tal medida, se aceita pela Câmara, não causará confusões? (Aliás, já há confusão, pois quando se fala fora de nossa paróquia em Academia Campinense de Letras, pensam logo em Campina Grande)".

Respondendo-me, escreveu o Prof. Silvio Elia que aceita a modificação semântica do termo, declarando textualmente "É claro que me mantenho ao lado do termo tradicional". Parafrazeando o ilustre filólogo, quando se refere à palavra "marechal", digo: Que importa a nós campineiros da cidade se os primeiros povoadores da Região foram trabalhadores do campo, de cuja atividade herdamos o gentílico "campineiro"? Vejamos a lição do filólogo:

"Como se sabe — pelo menos desde Sua-Sure — o signo linguístico é arbitrário. Quer dizer, não há relação necessária entre o significante (de base fônica) e o significado (de base psíquica). Portanto a significação da pa-

lavra é algo fixado pelo uso. O mesmo se dá com a significação dos morfemas. Não há nada no suf. — *eiro* (lat. — *arius*) que o obrigue a significar profissão... a não ser o uso. Mas o uso decorre de circunstâncias histórico-sociais e, portanto, está sujeito a mudanças. Que importa ao "marechal" de hoje que o seu imponente título militar tivesse significado na origem germânica "o criado encarregado da limpeza do cavalo"? Isso para citar um exemplo extremo. O sufixo — *eiro*, como designativo do local de nascimento, já está nobilitado desde o momento em que todos nós o assumimos como indicativo da Pátria comum, *brasileiros* que nos honramos de ser. Assim também o povo de Campinas de tal forma dignificou o gentílico "campineiro", que hoje é um privilégio ostentar esse adjetivo pátrio. A mesma coisa fizeram os naturais do estado de São Paulo, que são "paulistas", com muito garbo, ou os da cidade de Santos, que são "santistas", com não menor orgulho. E que dizer dos "mineiros", que já não trabalham em minas e sim em Minas, para o engrandecimento do Brasil?"

Sobre a decantada questão da incompatibilidade do termo "campineiro" com a dignidade dos nossos academicos, o eminente professor de Filologia apresenta, no tópico seguinte, estas judiciosas considerações:

"Os precedentes são, aliás, numerosos. Vale lembrar os "farrapos" ou "farroupilhas" assim depreciativamente chamados pelos seus contendores, mas que souberam fazer do labéu pendão, e hoje esse título é uma legenda gloriosa. Os hunguenotes passaram à História pela firmeza de concicções, ainda que a deformação do nome se deva a uma "modification moqueuse", como dizem Bloch-Wartburg. Mais perto de nós, podemos recordar o caso dos neogramáticos, que receberam esse nome por ironia. No entanto, que papel importante desempenharam os neogramáticos na história do pensamento linguístico ocidental!"

Para o ilustre professor a palavra "campinense" tem valor específico e não genérico, o mesmo ocorrendo com "brasiliense" e "brasílico", por exemplo. Rematando sua carta, com que respondeu à minha consulta, o Prof. Silvio Elia escreveu: "Ao filólogo (ou os que desejam usar argumentos de base filológica) não cumpre modificar os fatos e sim interpretá-los. A História não é uma cera dócil aos caprichos ou devaneios dos homens. Quod scriptum, scriptum".